



ALTERAÇÕES NA RELAÇÃO FAMILIAR DE PESSOAS COM MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS EM DECORRÊNCIA A DANOS NO CÓRTEX FRONTAL

Eixo Horizontal: EH7: CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Lírit Badran Montazolli; Luiz Fabrizio Stoppiglia; Alessandro Vinicius de Paula;

Apresenta-se os dados da pesquisa em curso denominada “Alterações na relação familiar de pessoas com mudanças comportamentais em decorrência a danos no córtex frontal” que objetiva compreender as estratégias de enfrentamento utilizadas por famílias que são compostas por um membro que possui (ou possuiu) alguma lesão no córtex frontal que afetou o comportamento do mesmo, assim como identificar como tais famílias convivem com essa pessoa que teve a lesão no córtex. Segundo Lezak (1988), o paciente com dano cerebral, além de tornar-se mais dependente da família - principalmente, do membro que assume o papel de cuidador, cobrando atenção integral desse membro - tende a se tornar uma pessoa impulsiva e impaciente. Há uma escassez de pesquisas científicas a respeito da dinâmica familiar das pessoas com lesão no córtex frontal e as consequências de tal lesão no ambiente doméstico frente a mudança comportamental de um de seus membros. Levando em consideração a invisibilidade dessas famílias, o presente estudo busca elucidar o perfil sócio-demográfico dessas famílias e seus desafios cotidianos, permitindo visibilidade para as mesmas. A coleta de dados utilizou um questionário online, disponibilizado em grupos nas redes sociais formados por familiares de pacientes com danos cerebrais. O questionário foi respondido por 59 pessoas. Referente ao perfil sócio-demográfico das pessoas que participaram do estudo, 55 participantes (93%) são do sexo feminino, com idades entre 23 e 61 anos, percebendo-se, assim, que o espaço e local de cuidador é, em sua grande maioria, ocupado por pessoas do sexo feminino. 19 (32%) dos participantes tinha como membro com a mudança comportamental o marido e, 48 (81%) dos membros foram diagnosticado com Glioblastoma multiforme de grau IV de acordo com o Código internacional de doenças (CID 10). Além disso, dos 59 respondentes da pesquisa, 34 (58%) possuem o ensino superior completo, 17 (29%) renda mensal entre 5 e 6 salários mínimos e, 20 participantes (34%) são residentes do estado de São Paulo. Do total de 59 participantes do presente estudo, 54 (91%) afirmaram que houve uma mudança na dinâmica familiar devido a mudança comportamental do paciente. Destes, 49 pessoas (83%) afirmam que a família ou o(s) cuidador(es) não receberam qualquer suporte ou apoio do hospital (e da equipe de saúde) no qual o paciente foi atendido. Os dados do presente estudo podem fomentar reflexões sobre a atuação dos profissionais de Psicologia que estão na área de saúde e possíveis lacunas na formação de futuros profissionais. Percebe-se que é escassa a atuação do psicólogo em espaços que buscam fornecer apoio psicológico e prático ao familiar do paciente com essa lesão, indicando carência nos sistemas de apoio qualificado nos hospitais em que os pacientes são hospitalizados. O presente estudo também permitiu identificar uma escassez de pesquisas a respeito da temática - especialmente, com foco no suporte oferecido aos familiares do paciente e suas relações durante o cuidado doméstico. Por fim, espera-se, a partir do exposto, uma reflexão dos atuais (e futuros) profissionais da Psicologia, a respeito da escassa atenção voltada a essas famílias.